

Cartas na mesa

Recordando Bento de Jesus Caraça
e a «Biblioteca Cosmos»

FERNANDO VIEIRA DE SÁ

MOINHO DE PAPEL

S|hi

Fernando Vieira de Sá

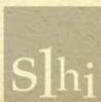
CARTAS NA MESA

Recordando Bento de Jesus Caraça
e a «Biblioteca Cosmos»

*Prefácio de
Manuel Machado Sá Marques*

MOINHO DE PAPEL

2004



ter em mente, não dissociar a causa do efeito, a unidade (o facto) do conjunto (o meio receptor). A tentativa da interacção é fundamental e decisiva.

Em toda esta reflexão não imposta e que surge por uma espécie da osmose que só dela se dá presença quando se avalia, no concreto, a imperativa necessidade de reduzir o grau de «hipotonia concepcional» do seu universo cultural, não em relação à sua própria envolvência, mas em relação ao saber acumulado e registado por múltiplos historiadores, investigadores, escritores, etc., como uma espécie de labirinto onde se procura o caminho do centro, ao ler-se um autor e logo este levando na sua bibliografia a outras fontes, tornando-se assim quase infinita a busca da resposta procurada. Foi assim que me confrontei com a obra *Memória sobre a População e a Agricultura de Portugal desde a Fundação da Monarquia até 1865*, do historiador Rebelo da Silva e, depois, Alexandre Herculano, Gama Barros, Ezequiel de Campos³, Lúcio de Azevedo, Francisco António Correia, Anselmo de Andrade, até a Ferreira Dias, abordando pela primeira vez, nos seus tímidos passos, a industrialização do país (1945). Nessa época vem a lume a *História de Portugal — Introdução Geográfica*, de António Sérgio, mais um bom contributo para o esclarecimento da nossa evolução económica. Volume introdutório, que por aí se quedou por ter sido apreendido pela censura e proibida a sua venda.

É a partir desta época que eu começo a colaborar em alguns órgãos de imprensa como o *República*, o *Diário de Lisboa* e a *Vértice*, entre outros.

FRUTO PROIBIDO

De uma regalia gozava, não só eu, mas muitos. A Coimbra Editora, propriedade de Salazar, José Alberto dos Reis (Presidente da Assembleia Nacional) e Albino dos Reis (Presidente da Câmara Corporativa), editava então a colec-

³ Os seus detractores chamavam-lhe «Inexequível dos Campos».

A censura e a proibição da *História de Portugal*, de António Sérgio.

ção «Novos Prosadores», identificada com a emergente corrente dos neo-realistas, onde publicavam autores como Fernando Namora e muitos outros. Era o ponto do país onde se vendiam mais obras proibidas, negócio que o gerente da Editora não deixava por mãos alheias, declarando mesmo com toda a vontade: «A minha profissão é vender papel, não é vender ideias». Era assim que, no 1º andar da livraria da Visconde da Luz havia um depósito onde se podiam encontrar todas as obras fugidas à censura e à PVDE, clássicas, científicas ou de divulgação, desde Marx até António Sérgio, que, apesar de proibida a sua *Introdução Geográfica* (1º Vol. da anunciada *História de Portugal*), eu próprio aí comprei mais de quarenta exemplares a pedido de amigos que, só por esta via, conseguiam obtê-la. Tornava-se este fenómeno escandaloso, mas o gerente Saraiva dizia: «A minha obrigação é dar lucro aos patrões e é o que eu faço. Por isso, não vou prescindir da literatura de esquerda, pois enquanto vendo um livro ao gosto dos patrões, vendo dez ao gosto dos outros». De tal maneira a coisa era sabida que os «puritanos» do regime levaram aos patrões de Saraiva o escândalo. Como solução foi preciso montar uma cabala com a connivência da PVDE, escolhendo a vítima que viria a ser responsabilizada por tal actividade «clandestina» pela qual se provaria ser feita sem o conhecimento do gerente. Essa vítima, nem mais nem menos, foi o Felisberto, empregado de balcão que trabalhava lado a lado com Saraiva, e ambos atendiam o negócio, sendo frequente emprestarem (qualquer deles) a chave ao interessado que, sozinho, ia ao 1º andar e regressava com a compra, que pagava ao balcão a qualquer deles, devolvendo a chave. Eu próprio algumas vezes fiz isso. Provado (!) o desconhecimento de Saraiva e, *ipso facto*, dos patrões, Felisberto é preso e condenado. O negócio acabou, mas Saraiva manteve-se no posto e pôde morrer tranquilo na cama, enquanto Felisberto pagou com os ossos na cadeia, crucificado na cruz de ignomínia.

A Coimbra Editora, de Salazar, e a venda de obras proibidas.

A cabala que salvou Saraiva, o gerente, e crucificou Felisberto, o empregado de balcão.

De tudo isto, o que se soube na altura foi a evidência do desaparecimento de Felisberto sem se saber o porquê e o encerramento do depósito, por falta de pessoal. A notícia corria como o «diz-se». Quando tal se passou eu já não estava em Coimbra.

OUTRAS ABERTAS

O encontro com o Prof. Orlando Ribeiro.

⁴ *Revista da Faculdade de Letras*. Arquivo de Estudos de Filologia, História, Geografia, Pedagogia e Arte, pelos Professores e Alunos — Antigos e Modernos — Tomo VII, n.ºs 1 e 2, Lisboa, 1940-1941, pp. 213-303.

⁵ *O Queijo da Serra da Estrela — Bases para a sua urgente protecção*, Laboratório Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial. Dep. Técnico das Indústrias Alimentares, 1984.

Também nessa época tive oportunidade de me encontrar com o Prof. Orlando Ribeiro da Faculdade de Letras de Lisboa e, antes, de Coimbra, a propósito do seu valioso trabalho «Contribuição para o estudo do pastoreio na Serra da Estrela»⁴, estudo que ficou de referência para quem se debruçasse sobre esse espaço em toda a sua plenitude de actividades ligadas à vida das populações serranas e manejo dos seus gados e todas as tradições vindas de longe, como seja a transumância. Orlando Ribeiro foi para mim um egrégio apresentador da Serra da Estrela. Não me foi por isso difícil imbuir-me do seu saber e entusiasmo por essa paisagem, por essa gente, por esses costumes com cumulos de virtudes, muito mal tratadas, diga-se à laia de desabafo. E só por isso tudo — e já não é pouco — teria dado como compensatória a minha passagem por Coimbra... a cumprir o meu degredo... pouco convincente. Valeu-me esse tempo a possibilidade de, quarenta anos mais tarde, ter publicado um estudo⁵ onde justifico e proponho com o maior rigor a delimitação da região demarcada do queijo Serra da Estrela, que aliás não foi tomada em consideração pelos amanuenses da Secretaria de Estado da Agricultura, preferindo-se enveredar pelo oportunismo e a alienação dos valores a proteger... só na mira de um lucro fácil, desonesto, ignorante e descerebrado.

Na mesma área de interesses também pude encontrar-me com o Prof. Amorim Girão, autor da sua recente obra *Geografia de Portugal* (1941) que, como o autor refere, recai